

VINTE MIL PALAVRAS

Contos e Crônicas

Romano Dazzi

A professora
O boi! O boi? o BOI! O BOOOOIII!!!
E o que tem ele, professora?
Escrevam a respeito dele. E podem pegar sugestões no
soneto que estou distribuindo.
De quem era o soneto? Pá...
algum sádico im...

TRABALHO DE CAMPO

Para conseguir que o campo nos traga suas espigas dou-
radas de trigo, que serão o nosso pão de amanhã, é preciso
executar desde hoje, com precisão, confiança e sabedoria, al-
gumas tarefas simples, mas essenciais.

Você escolhe um pedaço de terra, não muito grande e
não muito pequeno; liso, plano, exposto ao sol, mas abrigado
do vento.

...conser-
...me pesam no
...conseguirei corrigir.

...orecer, não.

Ten... por exemplo, uma velhinha, que mora de favor,
num casarão abandonado no fim da rua e sobrevive de esmo-
las.

A família se dispersou, os filhos nem se lembram dela.
Sozinha, ela vive de um vira-latas pulguento e fiel divide com ela a soli-
dão de um final de vida melancólico.

A vida não é longa; todos sabem e repetem qu-
um efêmero instante.

Mas dá tempo de fazer um monte de coisas bo-
as e importantes para si mesmo e para os outros.

Temos o direito de usar tudo o que a natureza
oferece: as peças que compõem o nosso organismo, de
nos, em benefício dos que estão próximos de nós;
nos braços, nas pernas, nos milagres que as mã-

Porém, chega um momento em que, qualo-
nos feito ou deixado de fazer, alcançamo-

...a mais é heroico ou bonito, neste
...saber, em u-

ROMANO DAZZI

...ncavam dias enfeitando a sala; mas
...longos, incômodos, desequilibrados, não ca-
algum, e acabavam num balde de cozinha.

Nos dias de finados, devido à ligação com a min-
deixavam com ela, Cassandra; e eu a ajudava a
rio os crisântemos e as dalias, as "flores dos mor-
...a achava parecida com aquelas flores de sauda-
...m: Cassandra era acima de tudo uma moça tris-
...uco comunicativa.

EDIÇÃO DO AUTOR

ROMANO DAZZI

VINTE MIL PALAVRAS
Contos e Crônicas
Volume 2

Edição do Autor
São Paulo - 2020

Copyright © by Romano Dazzi

Todos os direitos reservados para essa edição. Proibida a tradução, versão ou reprodução por qualquer meio, mesmo que parcial, por quaisquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem permissão por escrito do autor.

1ª edição - janeiro de 2020

Para entrar em contato com o autor:

romano-dazzi@uol.com.br

Editoração: Escritório Editorial Frôntis

www.frontis.com.br

ISBN 978-859222676-3



9

788592

226763

CONTEÚDO

| | |
|--|----|
| Adeus à Ida Gouveia | 5 |
| Vinte mil palavras - Segundo livro | 9 |
| Anjos | 11 |
| Trabalho de campo | 13 |
| Velhos | 15 |
| O boi. | 17 |
| Cassandra | 20 |
| Poderes | 23 |
| Tio Jorge 2. | 26 |
| Downsizing | 28 |
| Crise (2008) | 30 |
| Tio Jorge 3. | 33 |
| A professora de francês | 35 |
| Querido Papai Noel | 38 |
| Orquestra | 41 |
| Como acabar com uma quimera | 44 |
| Quem sou eu? | 46 |
| Consultório | 48 |
| Apenas um soldadinho de chumbo | 50 |
| Veteranos e calouros | 53 |
| Três velhos amigos velhos | 56 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Eulália | 59 |
| Surrealismo | 62 |
| Alguém que virá de longe. | 65 |
| Fogo na favela. | 67 |
| Gato por lebre | 70 |
| O anjo desastrado | 73 |
| Tempos novos | 76 |
| Freiras | 79 |
| Anjo da guarda | 82 |
| Uma lição de desprendimento. | 84 |
| Deixe-me falar dos Fonseca. | 87 |
| Caravana | 90 |
| The White Cliffs of Dover | 92 |
| Viagem | 95 |
| Ambiguidades | 97 |
| A era dos medos. | 100 |
| Carta de olimpia. | 103 |
| O velho oeste selvagem. | 106 |
| Blisters | 108 |

VINTE MIL PALAVRAS

Segundo livro

No primeiro volume desta coleção, publiquei 72 textos curtos, com as 20.000 palavras prometidas. Agora estou lançando cinco volumes, com textos maiores, tentando me ajustar às críticas.

Os objetivos são os mesmos: divertir quem lê, expor pontos-de-vista diferentes; pedir que reflita, sem se desesperar, sobre o que nos torna tão miseráveis e maravilhosos: humanos.

Nunca seremos sábios o bastante para resolver nossos problemas; mas devemos tentar; amanhã talvez acordemos com alguma resposta.

A arte da leitura está em baixa. As pessoas não sabem mais distinguir o significado das palavras e da ortografia. Que dirá do sentido do que estão lendo.

O mundo tem pressa. Precisamos encurtar os textos, secar a prosa, deixar de rodeios. Todos querem chegar à poltrona mais próxima e apressam o jantar, porque o jogo da quarta-feira está começando.

Mas a solução já chegou. Os robôs já sabem ler. Os mais recentes interpretam textos complexos, dão ênfase e expressão aos impulsos magnéticos que recebem.

Vou alugar um, fazê-lo ler o que escrevo e dar um pen-drive a quem quiser me ler. Ele vai colocar os fones e, enquanto me ouve, dormir - e sonhar, talvez.

Assim, imagino, conseguirei deixar uma sementinha em sua alma. E poderei finalmente descansar em paz, certo de que, se esta era minha missão (pois todos temos alguma) acabei de cumpri-la.

Por agora, boa leitura.

ANJOS

- *Mas é claro, que os anjos existem, meu bem! Que pergunta mais boba! Você não pode vê-los, porque não aparecem sob a forma de gente. Mas eles estão sempre aí, prontos para nos ajudar, sustentar, aconselhar. Você precisa ter bons pensamentos e boa vontade. Deve gostar dos outros, perdoar seus defeitos, dar-lhes carinho e ajudá-los. Aí você sente a presença dos anjos. Você não sabe como é gostoso “sentir” o sorriso de um anjo; como é confortador chamá-lo e, no mesmo instante, tê-lo aí, ao seu lado, pronto para receber suas queixas, para lhe oferecer um ombro amigo, ou simplesmente para trocar ideias. É muito mais que um amigo; é um professor e um irmão.*
- *Então, mãe, acho que todos deveriam ter um anjo...*
- *Mas todos TÊM o seu anjo, meu bem. Só que não sabem...*
- *Explica, Mãe.*
- *Quando um bebê nasce, todos ficam felizes, lá em cima. São como outras tantas tias, falando sem parar: “Oh, como é bonitinho, lindo, engraçadinho, fofinho!!” Você sabe como titias são, não é?*
- *Sim, sim, mamãe; e ainda mais quando decidem apertar as bochechas da gente...*
- *Bem; o pessoal lá de cima gosta tanto do bebê, que elege um “padrinho” para que tome conta dele. Mas lá não é como aqui; nós convidamos para padrinho o chefe do escritório, algum amigo importante, uma vovó que já não entende bem das coisas. Estes são padrinhos de mentirinha; e se por acaso, ao longo dos anos, o bebê, já crescidinho, se meter em alguma encrenca, eles dão um jeito de não aparecer. Mas no céu o assunto é sério. Tanto é*

verdade, que “elegem” o padrinho; esse será o anjo que mais gostou do bebê, aquele que se sentiu mais próximo dele. Ele torna-se então, o “anjo da guarda”.

- E o que faz um anjo da guarda, Mãe?*
- Faz muitas coisas; porque, como diz o próprio nome dele, é um guardião, um segurança, um porteiro; verifica quem quer entrar na sua casa – que é na verdade, a sua alma. Se ficar em dívida, não deixa entrar; porque sabe que você é fraquinho, vulnerável e que pode ser assaltado e roubado por alguém que tenha más intenções.*
- Ele segura sua bicicleta, para você cair menos, enquanto aprende a andar nela; ele faz com que o seu joelho arranhado doa e sangre menos.*
- Alerta-o, ao atravessar uma rua; ajuda-o a fazer suas lições, sugerindo a resposta para alguma perguntinha mais difícil. E você, bobinho, pensa que achou a resposta sozinho!*
- Mas o mais importante é que ele lhe dá forças, para andar sozinho pela vida.*
- Quando você percebe que ele está aí, junto, presente, como um amigo fiel – porque ele é o seu melhor amigo – sente-se mais forte, mais confiante.*
- Tudo o que você fizer, fará melhor; porque não quer fazer feio com um amigo que gosta tanto de você*
- Ele o vigia, o aconselha, o guarda, e quando chegar a hora – o mais tarde possível – vai entregá-lo com certeza lá em cima, na portaria do Céu, com a alma sã e salva.*

TRABALHO DE CAMPO

Para conseguir que o campo nos traga suas espigas douradas de trigo, que serão o nosso pão de amanhã, é preciso executar desde hoje, com precisão, confiança e sabedoria, algumas tarefas simples, mas essenciais.

Você escolhe um pedaço de terra, não muito grande e não muito pequeno; liso, plano, exposto ao sol, mas abrigado do vento.

Examina-o cuidadosamente, percorrendo-o várias vezes em toda a sua extensão. Arranca todas as pedras que encontrar e coloca-as na beira do campo. Começa a arar. Um arado simples, capaz de abrir um único sulco, ajuda a entender quanto é difícil e dura e penosa esta tarefa.

Um cavalo ou um boi podem ajudar bastante, mas é sempre você que os controla e os guia, forçando com todo o peso de seu corpo o instrumento grosseiro que penetra na terra.

Depois da aração, volta para quebrar os duros torrões que se formaram. Uma grade vai servir, desde que passada na profundidade certa, na velocidade certa, com a pressão certa.

Deixe a terra descansar, pois ela está vendo a luz pela primeira vez; é como se tivesse acabado de nascer.

Passa novamente com a grade, deixando desta vez sulcos pequenos, regulares, próximos, mas não demais, bem alinhados e contínuos. E finalmente, um dia depois, de manhã bem cedo, você deixará cair nos sulcos, com gestos largos, seguros e cadenciados, as sementes de seu alimento para o ano que vem. Pense que é Deus, que leva a sua mão e abençoa a terra.

Porque a multiplicação do alimento é um ato divino.

O homem é apenas um intermediário, um mero, cego instrumento.

Vire novamente a terra, para que as sementes se agasalhem e encontrem seu cantinho escuro, onde começarão a dormir. Cuide que os pássaros não as roubem.

As chuvas vão chegar e abençoar seu trabalho.

Depois disso, descanse.

Até um dia em que ao acordar, verá seu campo com uma cor estranha, indefinida, de um leve esverdeado. Enfiando a mão na terra, você poderá sentir o calor da vida, vindo do fundo.

E poderá chorar, como acontece comigo, porque é um milagre, o que acaba de assistir.

Nenhum laboratório do mundo, poderia fazer isso.

Precisa ter o sopro da vida e este só vem de Deus.

Dali em diante você cuida de suas plantas contra mil inimigos; pragas, insetos, fungos, animais, pássaros, doenças, a seca, a enchente...

Você é o pai dessas plantinhas e deve cuidar delas como melhor puder. Mas ao cabo de dois, três meses, o trigo amadurece e se torna uma imensa cabeleira loira.

O vento da tarde o faz ondear, mostrando que é uma coisa viva. A chuva, ah, a chuva o ajuda a crescer, mas pode se transformar em uma grande ameaça.

Uma só tempestade pode matá-lo.

Se você não tiver força, perseverança, fé; se você não puder suportar a dor, o desespero de perder tudo numa única tarde de tempestade, talvez não seja merecedor do prêmio.

Enfim, o trigo está maduro e a foíce corta as hastes finas que o sustentam. Não é morte: é renascimento, porque uma outra vida se prepara.

Você separa uma parte do que produziu, e apronta tudo para reiniciar o ciclo: o ciclo eterno da vida.

Veja quantos milagres acontecem em uma única safra.

E todos dependem apenas do seu trabalho cuidadoso, da sua fé, da sua força...

E da graça do Senhor.

VELHOS

A vida não é longa; todos sabem e repetem que é curta, um efêmero instante. Mas dá tempo de fazer um monte de coisas boas, gostosas e importantes para si mesmo e para os outros.

Temos o direito de usar tudo o que a natureza nos deu, todas as peças que compõem o nosso organismo, de mil maneiras, em benefício dos que estão próximos de nós; pense na boca, nos braços, nas pernas, nos milagres que as mãos podem fazer.

Porém, chega um momento em que, qualquer coisa que tenhamos feito ou deixado de fazer, alcançamos o fim.

Nada mais é heroico ou bonito, neste último ato; transformamo-nos, quase sem perceber, em uma mera máscara, uma caricatura, um arremedo do que éramos.

Agora, podemos reagir a isso, ou deixar-nos andar.

Podemos levantar a cabeça e orgulhosamente olhar a vida e a morte de frente e dizer: aqui estou, eu fui bom, fiz uma longa caminhada, carreguei o meu fardo, cumpri meu dever, amei, fui feliz e sofri; não temo a falta de futuro, porque vivi.

Ou então, desistir, baixar a cabeça, sofrer, com resignação e paciência, o lento escoar dos últimos dias, apavorados pelos pequenos sinais que indicam o fim do asfalto...

As pessoas velhas, aquelas que perderam a energia necessária para continuar a respirar e viver; aquelas que não têm mais a menor vontade de lutar para se manter a tona; aquelas que não tem mais forças para se arrastar para cá e para lá, na tentativa de continuar fazendo alguma coisa boa; aquelas que estão jogadas no fundo de uma poltrona ou de uma cama, no menor quatinho da casa, doentes, tristes, solitárias; sendo – ou se acreditando – inúteis e indesejadas; bem, todas elas deveriam

poder exercer o sagrado direito de sumir do mapa, de sair pelos fundos, de simplesmente desaparecer.

De repente, sem preparo ou aviso prévio, sem pompa ou circunstância, sem choro nem vela: assim, de uma hora para a outra, o velhinho sumiria.

Não ficaria jogado na cama, precisando de coisas que hoje são caríssimas (como um remédio, uma roupa, um equipamento), ou raríssimas (como um carinho, um sorriso, um minuto de atenção).

Estaria rolando por aí, e de repente:

– *Uai, cadê o Vovô? Zezinho, vá procurá-lo no quarto!*

– *Não Pai, fui olhar, ele não está lá!*

– *Estava aqui agora mesmo... Puxa! ... Sumiu.*

Sabe quantas coisas melhorariam? Pode imaginar quantas crianças ganhariam um quatinho só para elas, quantas cadeiras de balanço e andadores poderiam ser jogadas fora? Quantos pinicos, comadres, fraldas geriátricas, cobertores embolorados e fotos amareladas iriam para o lixo?

As pessoas não se conformam com a fragilidade da vida e com a rapidez com que ela escorre e se acaba; não aceitam o fato de terem sido feitas de material descartável e de terem durado tanto, por mera sorte; e no entanto, é assim mesmo.

Somos bolhas de sabão. E é bom que não sejamos mais que isso. Só nos falta entendermos este fato.

Temos tão pouco tempo, que não temos o direito de desperdiçá-lo, pois é precioso; devemos usá-lo bem, saboreando sabiamente, com calma, gulodice e até luxúria, todos os inexoráveis minutos que nos puxam para o fim.

De qualquer modo, a nossa bolha de sabão, o que quer que tenhamos feito ou deixado de fazer, de repente, Puff! Sumiu!